



UNICAMP

P09.10

EVENTO: Lançamento de CDs
Compositores banidos pela guerra
VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL
DATA: 25 de maio de 1994
PÁGINA: 7
SEÇÃO: CADERNO B



As óperas que Goebbels censurou

Reprodução

Gravações das obras 'degeneradas' de Krenek e Korngold recuperam a arte banida pelo Reich

MARCUS VERAS

TEMOS a arte alemã, compositores alemães, a música alemã, não precisamos dos judeus para nada!" Com esta pérola do racismo levada às últimas conseqüências, o ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, detonou em 1938 um expurgo nos meios culturais germânicos que foi das artes plásticas à música, sem poupar sequer os não-judeus. Uma geração inteira de maestros e compositores (Korngold, Krenek, Goldshmidt, Hindemith) escapou da sombra da suástica, salvando a pele mas deixando para trás preciosas raízes. E é exatamente esta obra, abortada em sua continuidade pela ascensão do nazi-facismo, que começa a emergir das partituras para os estúdios de gravação.

A PolyGram, através do selo Decca, importou duas óperas perseguidas e expurgadas da Alemanha em 1938: *Jonny spielt auf* (Ernst Krenek) e *Das wunder der Heliane* (Erich Korngold), ambos austríacos, e cuja perseguição se acentuou com o *Anschluss*, a anexação da Áustria pela Alemanha. *Jonny* é executado pela Orquestra de Leipzig, regência de Lothar Zagrosek, e *Heliane* pela Sinfônica da Rádio de Berlim, regência de John Mauceri. É curioso notar que se Korngold era judeu, Krenek tinha origens católicas, mas levou o jazz, os negros e a atonalidade aos palcos. Uma receita ardida demais para os defensores da raça e da arte pura. Tanto que um panfleto do então emergente partido nacional-socialista atacava a ópera, adjetivando-a de "conspiração negro-judaica".

A Alemanha do período entre as

duas guerras era um verdadeiro caldeirão cultural. A crise econômica não impedia que os artistas ousassem na forma e no conteúdo, como se pode ver na Escola de Bauhaus, no cinema expressionista e nas artes plásticas. Tal diversidade cultural era intolerável para os nazistas, partidários de um purismo que ia da questão genética às expressões artísticas.

O discurso de Goebbels que abriu a caça aos *degenerados* — e que iria se materializar em duas exposições, *Entartete musik* e *Entartete kunst*, onde se apontavam os desvios da arte *não-ariana* — tratava-se de uma resposta a quem apontava o erro gros-

Reprodução

seiro em se *purificar* as orquestras. A questão, no fundo, era simples: em todas as formações musicais do século XX, a presença dos músicos judeus sempre foi fundamental, fossem instrumentistas, maestros ou compositores, principalmente na duas cidades mais ativas à época, Viena e Berlim.

Com a perseguição, a música alemã (e, por extensão, européia) sofreu um corte do qual até hoje não se recuperou. O projeto *Entertate Musik*, que já lançou sete CDs, pretende resgatar estas obras, em uma tentativa de suturar o passado ao presente. O que o público brasileiro ouve agora (veja textos ao lado) era a vanguarda de um tempo que não vislumbrava ainda os horrores do III Reich. E que pregava a união racial e a mistura das linguagens, apontando para o futuro longínquo técnicas hoje chamadas de multimídia. Eclipsados pelos cadáveres de 6 milhões de judeus mortos em guetos e campos de concentração, os crimes nazistas contra a cultura podem parecer irrelevantes. Não são. E estes lançamentos do selo Decca provam isso.



Panfleto nazista contra Jonny



Korngold, o romântico

Erich Wolfgang Korngold (1897-1957) foi considerado um gênio por Ernst Mahler logo em sua estreia, o balé *Der Schneemann*. Compositor, arranjador, maestro e professor em Viena, era uma das mais proeminentes personalidades na Europa dos anos 30. A ópera que a PolyGram traz ao Brasil, *Das wunder der Heliane*, estreou em 1927, no mesmo ano de *Jonny spielt auf*, de Krenek. *Heliane* foi uma tentativa de criar uma obra su-

per-romântica, baseada em temas mitológicos. Seus personagens não têm nomes: o Criador de Regras, o Porteiro, o Estrangeiro. Até mesmo o nome da heroína é fantasioso, pois está vinculado à palavra grega para ar.

Korngold entrou para a lista negra mais por ser judeu do que pela degeneração de sua arte. Em 1938, abandonou a Áustria e fixou-se no Estados Unidos, onde, a convite de Max Reinhardt, entrou para o cinema. Suas excelentes trilhas *esquentaram* filmes de Errol Flynn, entre outros, chegou a ganhar um Oscar, mas nunca mais retomou a genialidade que um dia Mahler destacou.

Korngold (ao alto) trocou Viena por Hollywood para escapar à perseguição nazista, mas jamais manteve contato com Krenek (à direita), cujo sucesso com Jonny provocou ciúme e inveja

As heresias de Krenek

Ernst Krenek (1900-1987) começou seus estudos em Viena e depois os completou em Berlim. Adepto do experimentalismo, desde 1923 já incorporava elementos do jazz ao atonalismo, o que proporcionou à sua ópera *Jonny spielt auf* um grande sucesso, o que lhe valeu, inclusive, o ciúme e a inveja de Korngold. *Jonny* utilizou todos os modernos (à época) recursos de palco, o que incluía uma locomotiva, uma orquestra de jazz, além de narrar o amor de um músico negro por uma branca. Tal *heresia* valeu-lhe a inclusão na lista dos *degenerados* de Goebbels, mesmo não sendo judeu. Diante da crescente pressão nazista, Krenek fugiu para os Estados Unidos, onde tornou-se diretor do Departamento de Música da Universidade de Hamline. Além de *Jonny*, Krenek escreveu outra ópera, *Karl V*, que previa efeitos de cinema, pantomima e temas atonais. Nos últimos anos de sua vida, Krenek dedicou-se à música eletrônica. É curioso notar que Krenek e Korngold, apesar de viverem no mesmo país de exílio, jamais se encontraram. A disputa entre os dois egos não permitiu uma trégua nem longe da pátria.

